ANO 1.º LISBOA--SEXTA-FEIRA 30 DE DEZEMBRO DE 1921 N.º 228

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

OS três partidos do regime assentaram num acordo que lhes permite concorrerem ás eleições, com o menor risco possivel. Não tiveram força para evitar o «19 de Outubro» nem energia bastante para, depois dele, estabelecer um programa, ao mesmo tempo eleitoral e politico, que representasse a penitencia dos seus erros e novas afirmações de vitalidade.

Valendo-se das dificuldades dos ultimos governos, teem andado num jogo contraditorio de atitudes, uma vezes ameaçando, outras abaixando-se bastante, para que ninguem os tome por insubmissos.

Intitulam-se contrarios a ditaduras, guardas zelosos da Constituição — o que os levou a tentar resuscitar em Coimbra, na terra sapiente de Minerva, um parlamento cujo cadaver nenhum deles reconheceu.

Onde, porém, eles põem maior afinco é nas eleições... Querem que estas se realizem, na data marcada, para que entremos na normalidade constitucional. Bela aspiração! Não se dão ao incomodo de fazer a sua propaganda — entendem que dogmas não se discutem.

O governo assegura a ordem, contendo a distancia a demagogia.

Eles por si limitam-se a colher os beneficios de tão patriotico esforço, retirando das urnas cada qual a sua medida de deputados e senadores. Sacrificios não os fazem, nem a favor do governo que os salva da ruina. Habituaram-se a ser felizes e não toleram contrariedades.

Feitas as eleições, entram em S. Bento, como se regressassem da batalha de Ourique. Não hão de ter muita dificuldade em se reconhecerem, porque são os mesmos de sempre. Não ha tempestade que os derrube. Não receiam sol nem chuva.

Cunha Leal abandonará o governo.

Os acontecimentos, a partir do «19 de Outubro», dar-se-hão como não tendo existido—simples pesadelos de um sono mau.

Reencetar-se-ha o *dolce far niente* parlamentar, em que as discussões nascem sempre de copos de capilé, para terminarem em pires de marmelada. E avançaremos para o futuro, emquanto o Diabo se não atravessar no nosso caminho...

* * *

O DR. Nausen dirigiu uma carta aos noruegueses, pedindo-lhes que acudam á Russia faminta. Seria muito justo que todas as nações civilizadas acorressem ao seu apelo. O egoismo, porém, é muito maior que a fome, a peste e a guerra.

* * *

O NOVO aumento das tarifas ferro-viarias não atingirá os bilhetes dos passageiros nem os generos alimenticios. Concordamos com esta dupla restricão. Do mal o menos.

Não deixaremos, apesar disso, de dizer que a nossa politica de transportes carece da maior atenção.

Esperamos que o sr. ministro do Comercio, que tão devotadamente se consagra aos assuntos da sua pasta, prepare as medidas conducentes á solução de tão grave problema.

* * *

A partir de 1 de janeiro passarão a vender-se a 10 centavos *O Mundo*, o *Correio da Manhã* e a *Imprensa da Manhã*.

Estejamos atentos!

As bombas que explodiram na C. G. T., como já ontem dissemos, pretendem justificar-se com uma doutrina que manda matar ou destruir, sob o pretexto falaz de que uma nova vida, mais bela e mais justa, brotará das ruinas manchadas de sangue.

O nosso seculo que se julga liberto de superstições, positivo, pratico e utilitario, vive na adoração das miragens que fulgem nas frases enganosas, em promessas metaforicas. A juventude ama loucamente os paraisos creados no verbo eloquente dum orador ou nas paginas ardentes de qualquer brochura de inspiração rubra.

As victimas da explosão da madrugada de ontem, emquanto manipulavam os engenhos infernais que, na sazão propria, deviam propagar a ideia, desbastando os erros e as vidas que neles se encrustam, pensavam certamente obedecer a um simples impulso nobre — a criação duma humanidade melhor. E' natural até que, diante da sua credulidade, a morte — a morte dos outros — que eles acariciavam, com os seus dados inspirados e ageis, lhes sorrisse como uma belesa macabra, erguendo-se fulgurante de qualquer monstruoso ossuario.

Na historia de certas propagandas, o horror do mal suavisa-se, ilumina-se de tanta ilusão que mesmo o crime parece uma obra apostolica. Os bombistas do edificio da C. G. T., quasi creanças ainda, hauriram, logo nos primeiros alvores das suas curiosidades intelectuais, a estranha crença de que, na lucta contra a sociedade, ha armas de que os fracos se podem servir, sem escrupulo, porque, empregando-as, contrabalançam as facilidades de repressão da força publica.

Claro esta, houve alguem que os ajudou a vencer a repugnancia que deviam experimentar, na sua iniciação.

Quem foi?

Não temos elementos para responder nem uma grande disposição para os buscar. Sómente queremos frisar este facto — a facilidade com que os corruptores das almas juvenis as surpreendem e cativam com as suas quimeras venenosas.

Em vez de se animar, com um clarão de esperanças, os que, apenas saídos da sua infancia, carecem de ser guiados e não encarcerados em odios, dá-se-lhes como incentivo para o seu sonho uma labareda de cidade maldita. Concordamos que não se podia inventar processo mais estupendo de crucificar a inexperiencia de qualquer moço, em demanda da sua Aventura!

As explosões da madrugada de ontem merecem ser encaradas por quem tenha coração, como um caso de abandono moral em que se encontram as gerações, nesta hora incerta em que o passado está já morto, mas o futuro não passa ainda duma generosa aspiração.

UM PASSEIO DE "MOTO"

— Viva, meu amigo! Mas que agradavel encontro! Então iam muito longe?

— Não, muito perto: ao posto de socorros da Cruz Vermelha.

EM Ortez, França, um inquilino foi judicialmente intimado a despejar a casa que ocupava. Recusou-se terminantemente. Chegou mesmo a isto — meteu-se dentro com os seus, armou-os de carabina, á espera dos acontecimentos.

A força publica receberam-na a tiro. Estabeleceu-se tiroteio de ambos os lados que durou dois dias. Por fim, um gendarme, arrombada certa janela por uma metralhadora, saltou para dentro e matou o recalcitrante. Os sitiados renderam-se.

Um jornal pregunta:

— «Que especie de homem era este Demblide?»

Provavelmente um sugeito maior que a lei, mas menor que Napoleão.

* * *

UMA celebre gatuna de forasteiros, depois de condenada pelo Tribunal de Defesa Social, em vez de seguir para o Aljube, subiu para um automovel, desaparecendo até á data.

Onde estará ela?—pregunta-se.

E' de crêr que se encontre onde sempre esteve—á espreita dos incautos. Estes é que tinham obrigação de defender as algibeiras. Isso sim! Não resistem á tentação de serem roubados.

O dinheiro é um creador de nevroses para os rapinados e para os rapinantes. Estas duas especies vivem uma para a outra.

* * *

UM jornal não hesita em afirmar — *a ordem publica está completamente assegurada*. São estas certezas que, de tempos a tempos, nos causam calafrios. Manda a prudencia que o governo se conserve constantemente de atalaia.

* * *

NÃO escasseiam alvitres, em tôrno do chefe do governo — «faça isto, faça aquilo, persiga os discolos, transija com eles etc.»

Partem, em geral, de pessoas que, á mesa de um café, encontram espaço larguissimo, para soltarem azas á fantasia

Houve já quem lhe aconselhasse a que vestisse a farda de Sidonio Pais. Imaginam estes conselheiros que os mortos não velam!

* * *

O *Diario de Noticias*, na sua secção *Ha quarenta anos*, publica uma carta do seu leitor X., o qual protesta horrorisado contra o corte das arvores do Rocio. Nunca Lisboa teve falta de barbaros.

Os inimigos do arvoredo nunca escassearam entre nós.

Que diria ele se assistisse ao vandalismo de que foi vitima recentemente o mesmo Rocio?

Punham-se-lhe certamente os cabelos em pé. E tinha rasão para isso. O que se fez, na nossa primeira praça, prova simplesmente que, em questões de gosto, o nosso Municipio tem a estetica dum hotentote.

* * *

O COMANDANTE da 1.ª Divisão do Exercito general sr. Pedroso de Lima, que há dias foi julgado e absolvido no Conselho Superior de Disciplina do Exercito, tem recebido muitos telegramas de felicitação. Entre estes recebeu tambem um do sr. Presidente da Republica e outro do adido militar espanhol, em Lisboa.

Magazine

De Saint Saens

Morreu ha pouco o musico francês. O governo reconheceu-lhe publicamente o talento, fazendo-lhe funerais nacionais em que o povo em massa tomou parte.

O canto funebre que mlle. Demougeot entoou vibrantemente na Madalena, foi o *Pie Jesu* do proprio morto; a artista cumpria nisso uma promessa que lhe fôra pedida havia dois anos, quando estava em vesperas de partir para a Alsacia com o grande musico, que ia acompanhá-la nalgumas das suas melodias.

Antes de a obrigar a prometer que na cerimonia funebre do seu enterro, seria entoado o *Pie Jesu*, Saint Saens preguntára repentinamente a mlle. Demougeot:

—Conhece o meu *Pie Jesu*?

—Não...

—Pois eu não quero que no meu enterro se cante Stradella: isso seria capaz de me fazer voltar cá...

Uma viagem triunfal

Pearl Withe, a celebre estrela do cinematografo, veiu a Paris passar alguns dias de três semanas de ferias que lhe concedeu o empresario.

Veio no «Paris» e fez a viagem com o marechal Foch. Durante ela, continuando ainda a esplendida ovação continua que foi a sua viagem através os Estados Unidos, o grande general foi ainda a principal figura duma grande festa organizada a bordo a favor dos orfãos da marinha francesa.

Entre os numeros figurou a venda em leilão dum retrato de Foch e outro da grande artista.

—O retrato dele, diz-nos a grande artista, rendeu um dinheirão louco! Eu propria o fiz subir bastante...

—E o seu?

—Ora, o meu! Tambem se vendeu bem, mas bem vê que não é a mesma coisa...

AINDA OS 210 CONTOS

A lotaria do Natal

e o empregado Bandeira, da Alfandega

Desfazendo um equivoco — Quem é a familia Bandeira
Uma vida de trabalho e de honestidade

Ha dias, quando se fez a extracção da lotaria do Natal e a proposito do premio de de 210 contos com que foi contemplado o sr. Heitor, falou-se vagamente no *céguinho Bandeira*, a quem este senhor, desobrigando-se de um compromisso tomado anteriormente, deu a quantia de 600 escudos. A' primeira vista, a referencia ao *céguinho* poderia parecer que se trata de um miseravel, ou de um mendigo, que deambula pela Alfandega á cata de esmolas, ou de bemfeitores generosos. Não é assim. E porque eu o conheço e o Bandeira tem uma historia curiosa, como um tipo curioso e interessante, que é, não resisti a fazer este pequeno artigo, desataviado, ácêrca da sua personalidade.

Chama-se Manuel Bandeira, é natural de Lisboa, nascido na freguesia de Santos-o-Velho, no coração da Madragôa. Dizia-se lá no velho bairro que quando o Bandeira era pequeno e eu o via passar para a escola, todo bem posto, ao lado de uma criada, que em casa dos seus pais as libras se mediam aos alqueires. Certo é que o cego da Alfandega nasceu realmente em berço doirado, recebeu uma excelente educação, certo cultivo e foi, durante anos, impenitentemente, um bohemio que soube divertir-se, em companhia com os melhores rapazes do seu tempo. A adversidade bateu um dia á porta dos seus. Os velhos Bandeiras, de ricos que eram, proprietarios de fragatas no Tejo, passaram a ser pobres, quasi humildes. Foi como que um furacão que invadiu aquele lar, outrora feliz e ditoso. Um irmão do Manuel Bandeira, que marcára com o um homem habilissimo, morreu tuberculoso. Uma sua irmã, menos inditosa, tem hoje a suprema ventura de se ver casada com um comerciante honradissimo e mãe de uns filhos inteligentes, um rapazote de rasgadas iniciativas e uma senhora que é uma artista notavel, pianista eximia, não falando numa terceira, formosissima.

Só Manuel Bandeira havia, porém, de ficar a herança da desventura dos pais. Novo ainda, arrastado por uma paixão, que o tornaria de todo um desgraçado, se não tivesse, apesar de tudo, por timbre, a escola do Trabalho, que nunca abandonou, acometido de uma doença de olhos, entregou-os aos cuidados de um especialista, cuja reputação ficaria para sempre perdida se fôsse possivel narrar aqui as razões que determinaram para sempre a sua cegueira, completa, irremediavel. E, facto curioso, o Bandeira, á data em que a desgraça o feriu sem remissão, tornando-lhe a Vida treva perpetua, se já era uma criatura activa e diligente, tornou-se mais util ainda, mais necessario, se é possivel. Ajudante do despachante Serrão, ele tomou conta da sua carteira, na Sala dos Despachantes da Alfandega, dos seus clientes e até dos seus dinheiros. E, hoje, querido de todos, estimado, realiza o que muitos, com os dois olhos bem abertos, não são capazes de efectuar. Percorre sosinho todas as dependencias do velho casarão do Terreiro do Paço; e, na posse de todas as suas faculdades intelectuais, que as tem inegavelmente, é como que um *Alcorão*, onde os demais despachantes vão fazer as suas consultas e ouvir conselhos. Ganha, portanto, honradamente, utilmente, o seu ordenado e, se não houvesse cegado, no ultimo periodo da guerra, com a sua competencia, os seus conhecimentos do *metier* e até com a sua clientela, teria já uma fortuna. Infelizmente, esta divorciou-se dele desde há muito e se não fôra os afagos da familia, o culto extremosissimo que tem pelos sobrinhos, além da sua cegueira, teria todos os motivos para se sepultar na maior das tristezas, porque, na hora tragica em que se encontrou sem a luz dos seus olhos, foi precisamente quando a mulher, que ele elevara até si, o abandonava como a um farrapo inutil, deixando-o entregue á sua dôr sem lenitivo.

Agora, aquele Manuel Bandeira doutros tempos, alegre e jovial, boémio e carinhoso, se não tem outros consolos da alma, tem pelo menos a estima e a amizade dos amigos, que disputam todos os dias a honra de lhe dar o braço para o conduzir até casa. E o Bandeira —louvado Deus!—não pede esmola, não solicita a caridade de ninguem: trabalha, trabalha acertadamente e ganha honestamente a sua vida.

Nobre Martins

Mundanismo

Aniversários

Fazem hoje anos as senhoras.

Duquesa de Miranda, D. Augusta Ferreira de Azevedo de Castelo Branco, D. Livia Street de Arriaga e Cunha Braamcamp de Melo Breyner (Sobral), D. Maria Francisca Adelaide de Sarrea Brak-Lami de Paiva Leite Brandão, D. Jeanne Rey Colaço de Castro Freire, D. Maria José Guimarães de Calheiros e Menezes, D. Amalia de Macedo da Cunha Coutinho Matoso da Camara, D. Josefina de Mendonça, D. Maria Rosa de Sá Cardoso e Silva e D. Julia de Queiroz Pinto Geraldes Malheiro.

E os senhores:

Dr. José Cardoso de Menezes, Alvaro Ferro Mayer, João de Ortigão Ramos, Francisco Pacheco de Castro da Cunha e Rego, Francisco Viana de Lemos e Albuquerque da Costa Salema.

Nos salões

Ontem á noite realizou-se na esplendida residencia da senhora D. Luiza de Vasconcelos Cabral e do sr. dr. Baltazar Cabral, ao Poço Novo, uma elegantissima «soirée», a qual decorreu sempre debaixo da maior animação e alegria, sendo servida, pela uma hora da noite, na magnifica sala de jantar, uma magnifica ceia. Povoando as salas via-se tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade.

«Réveillon»

A'manhã á noite, como nos anos anteriores, realiza-se na «Garrett», a tradicional ceia da meia noite, a fim de festejar a vinda do novo ano. Sabemos estarem feitas muitas combinações entre as principais familias da nossa sociedade elegante.

Pontos de reunião

No S. Luis

Como era de esperar, resultou brilhantissima a noite de ontem neste teatro, onde subiu á scena, em festa artistica da gentil e graciosa actriz Ausenda de Oliveira, a lindissima opereta «A Moreninha», original do nosso estimado colega na imprensa D. José Paulo da Camara e do brilhante poeta Humberto Luna de Oliveira, com musica do inspira do maestro Filipe Duarte.

A vasta sala do S. Luis apresentava um aspecto verdadeiramente encantador recordando-nos ter visto entre outros nomes os seguintes:

«Madame» Fontoura Xavier, marquesa de Ficalho, condessas de Castro e Sola e filha, de Vila Alva, de Ficalho e de S. Miguel, D. Maria de Jesus de Sousa Holstein de Ornelas e Vasconcelos, D. Eugenia de Melo Breyner da Camara e filhas, D. Luisa Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Maria de Lencastre Van-Zeller, D. Julieta Gonçalves de Freitas Sampaio Forjaz, D. Carolina de Vasconcelos Tompson, D. Rita Correia de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), «madame» Labra Carvajal, D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Tompson, D Maria Inês de Seabra da Camara e filhas, D. Carlota da Cunha da Camara (Ribeira Grande) e filha, D. Sofia de Laxman Ferreira Pinto Basto e filha, D. Maria Amelia Burnay de Macedo de Sande e Castro, D. Halena de Melo e Costa da Camara, D. Maria Tavora de Lencastre Fiuza, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz de Trigueiros, D. Berta Somer Viana, D. Maria Augusta de Carvalho Morais, D. Laura Santana Galhardo, D. Angelica Pavão Pereira Rosa, D. Susana Aires de Castro, D. Maria do Carmo Navarro de Andrade Belmarço Pereira de Carvalho, D. Mariana da Cunha e Costa (Picoas), D. Sofia de Campos e filhas, D. Luisa de Seixas e filha, D. Maria Henriqueta Nunes Correia Abrantes Ribeiro da Costa, D. Emilia Gomes, D. Maria Fernanda Gomes Oliveira Duarte, D. Maria do Carmo Roquete Soares de Albergaria Burnay, D. Dalila Pereira Severim de Azevedo e filha, D. Maria Margarida Canavarro Fernandes Costa, D. Berta Macieira Reis, «madame» Cunha, D. Isabel Van-Zeler de Sousa, D. Isolina, D. Luisa Maria, D. Sará Luisa Portocarrerro da Mota Ferreira Cardoso, D. Virginia Luis Cardoso, etc.

Agenda

Ámanhã a nossa «elite» dará «rendez-vous» na «soirée» da moda do Cinema Condes.

Doentes

Continúa de cama, por se terem agravado um pouco os seus padecimentos, a senhora D. Isaura de Lemos de Andrade Soares, esposa do nosso colega na imprensa, ilustre director do «Correio da Manhã», sr. dr. Anibal Soares.

Fazemos sinceros votos pelo seu prompto restabelecimento.

Em viagem

Deve regressar ainda este mês de Castelo Branco, onde foi passar o natal com seus pais á sua magnifica casa no Rocio de Abrantes, acompanhado de sua esposa a senhora D. Beatriz Caldeira Soares Mendes Ribeiro e Sousa, o sr. dr. Manuel da Fonseca Ribeiro e Sousa.

— Os srs. José e Miguel de Sá Pais do Amaral (Anadia), vindos de Paris, regressaram ha dias das suas propriedades em Mangualde.

— Na Figueira da Foz encontra-se passando o Natal e Ano Novo, com sua familia, acompanhado de sua esposa a senhora D. Judite Mendes da Costa Novais, seus gentis filhinhos e seu irmão Carlos, o distinto engenheiro sr. Luis da Costa Novais.

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

Julio Rei, Lt.ª
Ex-empregado da JOALHARIA ABREU
Joalharia, Ourivesaria e Relojoaria
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

— Será preciso gritar-lhe ao ouvido que o UROL é o maior dissolvente do ácido úrico?
Cura: o REUMATISMO, ARTRITISMO, GOTA, OBESIDADE, etc.
FARMÁCIA FORMOSINHO:
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18

Fornecedores dos Restaurants da Companhia Wagons Lits
TELEPHONE, C. 861
JOSÉ DE PINHO COSTA & C.ª (F.ª)
Especialidade em dôces e em chocolates nacionaes e estrangeiros
69, RUA DA BETESGA, 73—LISBOA

THEATRO SÃO LUIZ

EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA

Concertos BLANCH

Domingo, 1—Matinée ás 3 horas da tarde

6.º concerto de assignatura da

ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUEZA

dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH

O mais extraordinario programma — Tarde de arte

1.ª PARTE

I—CORIOLAN, ouverture **Beethoven**

II—CINCO ROMANCES SEM PALAVRAS, arranjadas em suite de concerto por **Hillemacher,** 1.ª audição. . . . . **Mendelssohn**

a) Allegro molto, LE DÉPART — b) Allegretto tranquillo, LE GONDOLIER—c) Presto, SCHERZETTO — d) Andante maestros, MARCHE FUNÈBRE—e) Molto allegro, LA CHASSE.

2.ª PARTE

III—SCHEHERAZADE, inspirada nos contos das «Mil e uma noites», a pedido, pela ultima vez. . **Rimsky-Korsakoff**

a) Largo e maestoso-Allegro non troppo — b) Lento-Andantino—c) Andantino quasi allegretto—d) Allegro molto — e) Allegro non troppo e maestoso.

Violino solo — Sr. FLAVIANO RODRIGUES

3.ª PARTE

IV—MENUETTO . . . . . **BOLZONI**

V—L'APPRENTI SORCIER; scherzo . . . . . **Dukas**

O concerto principia ás 3 horas em ponto, a fim de terminar mais cedo, a horas de todos poderem festejar em suas casas o Anno Bom.

DO LIVRO

"EPOPEIA VERMELHA"

DE

Eduardo Metzner

O cavador

I

Despontou a manhã. Retine na alvorada
o toque do rebate. A pé. Começa a luta..
Lá vai o cavador, lá vai... Leva a enxada
que rasga o ventre á terra e fende a rocha bruta...

Nos giestais, em flôr, a voz da cotovia
canta um hinario rubro... O sol chispeia... Brava,
indomita, feroz, ardente, a luz do dia
dardeja, queima e mata... E o desgraçado cava!

Cai o sol no poente, incendiando, feèrico
o cristal dos vitrais num lucido e quimerico
relampejar de cromo... E o toque das trindades.

dobra no campanario... O cavador então,
o escravo, o resignado, olha, ao longe, as herdades
e, erguendo as mãos ao ceu, murmura uma oração.

II

Desembro. Madrugada. O azul velado. O norte,
assobia canções rebeldes a galope.
Nuvens em turbilhão. — O ceu faisca. A morte
dardeja temerosa em raivas de ciclope..

Ziguezagueia o raio. E um soido crispante
arranha ferozmente os nervos, anavalha
e na treva do abismo explude trovejante
o incendio e o desabar de um barbaro Walhalha

E no entanto o escravo, o proletario afronta
a tempestade e vai. A aurora não desponta...
O horizonte é de luto... A noite não tem fim

Forçado do trabalho, degredado avança
Conduz a enxada ao ombro assim como uma ança:...
ou como a maldição ancestra de Caim...

A Fé

Basta, para vencer, que a Fé nos ilumine.
Ela é a chave de oiro, o mistico segredo,
que faz santos, herois, na pira ou no degredo,
de Francisco de Assis a Miguel Bakunine...

A Fé — a coesão, a trajectoria, a ponte
lançada sobre o cáos deste báratro escuro...
A Fé — o ritmo, a luz, nimbando no horizonte
a Visão Libertária, o Sonho do Futuro...

E' gloria e sacrificio... E' pulcra e rutilante
como o raio solar que beija o diamante
e o monstro obsceno e vil num beijo de igualdade...

Alma tentacular, dinamizante e forte,
foco da Vida, força — antidoto da Morte,
Ela é o paradigma eterno da Verdade...

Eduardo Metzner

EPISTOLARIO

O poeta João de Deus

escreve a seu irmão Antonio

e aconselha-o a que evite as más companhias e mostre como os homens de genio tambem pagam tributos ás fraquezas humanas

E' provavelmento de 1858 a carta que segue, epoca em que o poeta de *Heresta* e de *Maria* se encontrava no Algarve, meio resolvido a não voltar a Coimbra concluir a sua formatura em direito. Dissuadiu-o disso o seu condiscipulo e admírador Francisco de Paula Rocha Viana, que conseguiu reconduzi-lo a Coimbra, onde se bacharelou no ano seguinte. Durara dez anos a formatura do poeta—tantos quantos a guerra de Troia, dizia ele pitorescamente.

J. de Deus, feito do mesmo barro que o comum dos mortais, era, como eles, quebradiço. «Apanhei hontem uma broéga», escreve ele. Que tem isso? Descendente espiritual de Horacio, amava como ele o vinho. Não me recordo agora se até, á imagem do poeta latino, alguma vez o cantou.

Em compensação, a ultima parte da carta é digna de La Rochefoucauld. Que não se dê o irmão (Antonio do Espirito Santo) com garotos e canalhas: e ache preferivel «comê-los» a ser intrujado por eles. Esta interessante carta faz parte da minha colecção.

Antonio

Subscrita-me isso para o Castilho, que tenho uns «illustrissimos» muito conhecidos. Não convem muito ou nada q. se saiba, por que nessas pseudo-iniciaes E. S. posso continuar a mandar alg.ª mais.

Eu ahi mando o meu calembourg mas o filho d..... poz-lhe Silves por ser a marca do correo

Apanhei ontem uma broéga por querer embebedar o Mendes. Fiz alguns disparates. Estou á espera de dinheiro para me ir embora mas não sei se os homens estarão mal comigo e deram o dito por não dito. Veremos

Adeus, e come todos esses mariolas. Não te dês com garotos, que é sempre pessimo. A canalha ama o desprezo, e o misterio.

Adeus.
JOÃO

No sobrescrito:
Ill.mo Sr. Ant.o do Espirito Santo.
Faro.

DO LIVRO

"A CIDADE DE OURO"

DE

Murillo Araujo

Aria da noite

Naquela hora vazia
naquela noite brava,
naquela hora possess
de ventania fria —
no teu salão a pendula avançava
depressa, depressa,
marchava, marchava
corria, corria,
na pressa de marcar as horas de alegria

Que serenidade rara
no amplo salão que te guarda
como um estojo a um tesouro.

A lampada clara
espalhava ao redor naquela hora tão tarda
um olhar maternal de chama e de ouro...

E era outra lampada sem jaça
teu perfil louro
que iluminava
com um resplendor de adolescencia e graça.

Mas naquela hora baça,
eu era «alguem que passa»,
na ventania fria...
olhando, olhando a luz sorrir lá na vidraça
de teu palacio que sorria!

Chovia

Lá dentro o teu salão doirado
era o Sonho — era o Sonho iluminado

Cá fóra, aos ventos, de déo em déo,
era a Vida
escurecida
perdida,
entre as lagrimas do ceo

Lá dentro — o Sonho; cá fóra — a Vida em turbilhão!

E as portas de ouro do Sonho não se abrirão!

Murillo Araujo.

GARANTIA

Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e minas
— Seguros de vida —
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.ª
Banqueiros
Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

DFS

Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430
Telegrafo DIFONSO
DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da
Rua dos Fanqueiros, 122 — LISBOA

Palace Hotel do Bussaco

INSTALAÇÃO DE LUXO COM TODO O CONFORTO MODERNO

O melhor hotel de Portugal e um dos melhores da Europa. Para informações e reserva de aposentos, em Lisboa: Hotel Metropole, Francfort Hotel e Hotel de l'Europe. No Porto: Grandes Armazens Nascimento.

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

Caroline Weeckmann (Dorner)

Reza-se ámanhã, sabado, pelas 11 horas, na igreja do Sacramento, uma missa por sua alma.

LE COMMERCE INTERNATIONAL D'IMPORTATION ET EXPORTATION, L.da

17, Largo da Biblioteca
LISBOA

Conservas et Vinhos

REPRESENTANTES
EM
BORDEAUX
PRAGA
BEYROUTH
ALEXANDRIA
PYREU
SALONICA
ANVERS
GENOVA
SMYRNA

DR. MANUEL BARBOSA

Clinica geral
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
R. DO OURO, 191

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: I:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51 — LISBOA

ARTIGOS E INFORMACÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Nas azas do amor

Uma senhora a quem a policia consagra a mais solicita das vigilancias, pelos seus apreciaveis dotes de cicerone *de forasteiros, acaba de fugir nas azas do amor com o oficial de diligencias que tinha sido encarregado da sua condução ao* chalet *do Aljubre. Não quiz o zeloso funcionario depositar tão precioso fardo nas mãos dos carceiros profanos de amor.*

Alugou um automovel, convidou a dama a tomar logar ao pé do valete, e mandou rodar a sua felicidade para um ponto tão desconhecido que nem ele proprio soubesse que era oficial de diligencias e ela uma rapariga atirada á margem da vida pela força das circunstancias.

Se o analizarmos bem, este caso simples, que foi hoje comentado em todos os jornais, não passa dum excesso de zelo duma autoridade que sabe muito bem aquilo que deve ao Codigo Penal, não querendo confiar á guarda de ninguem, com medo de que o proprio Aljube seja pequeno para conter o seu crime, uma senhôra com fotografia na policia—que é como quem diz fotografia no proprio coração da autoridade.

E se a moda pega, aí temos nós a Boa Hora limpa de oficiais de deligencias e limpa de algumas senhoras que têm por missão mostrar os monumentos de Lisboa aos forasteiros.

Pede-se em autoridade, mas ganha-se em higiene.

José Vaz

Foot-ball

O Sport Lisboa e Bemfica joga ámanhã com o grupo tcheco-slovaco

E' ámanhã que no campo do «Sperting» se realiza o terceiro desafio que o grupo do «Club Union» de Praga veio jogar a Lisboa. E' seu adversario o nosso mais popular club, o velho e glorioso Sport Lisboa e Bemfica.

Dos nossos três clubs, Casa Pia, Sporting e Sport Lisboa, o que melhor resultado obtiver contra os tchecos Slovacos terá a honra de disputar o desafio final na proxima segunda-feira.

O desafio de ámanha principiara ás 15,30.

Convenio luso-transvaliano

A comissão que o ha de negociar

Nada está ainda definitivamente assente sobre a constituição da missão que será encarregada de negociar o novo convenio luso-transvaliano.

Cruzador "S. Gabriel"

Parece que vai passar a meio armamento, a fim de receber fabricos, o cruzador *S. Gabriel.*

CAMBIOS

DIA 30

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	60$000	62$000
Londres, cheque	4 9|16	4 7|16
» 90 d. v.	4 11|16	—
Rio Londres	7 3|8	—
Paris	1$000	1$030
Italia	$528	$544
Bélgica	$965	$992
Suiça	2$452	2$522
Espanha	1$875	1$925
Berlim	$068	$074
Holanda	4$590	4$730
Nova-York	12$545	12$895
Austria	$004	$008
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1$000	1$100

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

A NOVA OPERETA DE COSTUMES BRASILEIROS "A MORENINHA"

de D. José Paulo da Camara, Humberto de Luna e Oliveira, com musica original do maestro Filipe Duarte

Lá estivemos ontem no S. Luiz. Noite de festa para Auzenda de Oliveira e noite de festa para os autores de *A Moreninha*, que sentiram pela primeira vez a emoção de uma *premiére* cortada dos aplausos de um publico escolhido, que seguiu com simpatia todos os pormenores da fábula.

A Moreninha é um conto brasileiro que D. José Paulo da Camara e Humberto de Luna e Oliveira transformaram numa opereta graciosa, de costumes brasileiros, como não podia deixar de ser, e a que o maestro Filipe Duarte emprestou o encanto de alguns trechos de musica que agradaram em absoluto.

A *première* de ontem despertou o interesse dum verdadeiro acontecimento teatral. O S. Luiz encheu-se completamente de povo, de nobreza e de clero. Era a estreia de dois autores que o publico queria aplaudir: um que tem atrás de si tradições gloriosas, que é filho de D. João da Camara e que será o continuador da sua obra; o outro é capitão de cavalaria e poeta—duas profissões simpaticas, que vão bem a um comediografo.

A *Moreninha*, em volta da qual gira todo o entrecho da opereta, é uma rapariga azougada, despida de preconceitos, que vive numa ilha como uma princesa num palacio encantado. Conserva na memoria a recordação de um desastre á beira-mar, que ha de ser mais tarde a origem duma grande felicidade que lhe vem bater á porta.

Os autores de *A Moreninha*, apesar da dificuldade que tem sempre a teatralização de um conto ou de um romance, souberam dar-lhe vida e graça e sentimento, de maneira a que o publico possa ouvir com simpatia todas as scenas da opereta, desde a chegada dos estudantes até ao episodio irresistivelmente cómico do salvamento dum naufrago suicida por amor.

E receosos de que o publico não ficasse satisfeito, foram ainda além do que permitia a força humana: deram-nos três actos do tamanho da legua da Povoa, que terminaram perto das duas da manhã, por entre os aplausos unanimes da assistencia.

Ora como o publico não se mostra exigente a ponto de querer passar a noite no teatro, é natural que os autores de *A Moreninha* façam alguns córtes, que não prejudicam certamente, o encanto da opereta.

* * *

Auzenda de Oliveira meteu-se dentro do papel como uma uma pérola dentro duma concha. Cantou, riu, dançou com a graça e o encanto de que é senhora absoluta.

A Moreninha ficará sendo uma das suas mais notaveis creações.

Sales Ribeiro, apezar do seu excessivo tom declamatorio, agradou pela garganta. É um tenor de apreciaveis meritos.

Vasco Santana fez rir constantemente a plateia. Hemos de registar com satisfação que podemos contar de ora ávante com um actor comico de grande merecimento.

Sofia Santos foi uma velha apaixonada impagavel—sobre tudo na scena final, em que vem vestida de barqueiro, com direito á medalha de ouro de socorros a naufragos.

Alfredo Sousa tambem é merecedor duma referencia elogiosa, bem como Armando de Vasconcelos—a quem se deve a primorosa enscenação.

O publico saiu do teatro satisfeito e convencido de que não tinha perdido o seu tempo nem dado por mal empregue o seu dinheiro.

No final, os aplausos reboaram na plateia como um bando de andorinhas em manhã de primavera.

D. José Paulo da Camara, Luna de Oliveira, o maestro Filipe Duarte e Auzenda não tiveram tempo de agradecer todas as chamadas.

Temos *Moreninha* por largo tempo no cartaz do S. Luiz.

A ida de um cruzador á provincia de Angola

Pelo ministerio das Colonias foi comunicada telegraficamente ao Alto Comissario, a informação dada pelo ministerio da marinha ácerca da ida de um cruzador a Angola. Os cruzadores que presentemente podem seguir para ali são o *Republica* e o *Carvalho Araujo*, mas qualquer destes navios não têm alojamentos para o Alto Comissario.

A situação de Cabo Verde

O capitão de fragata sr. Dias de Carvalho, novo governador de Cabo Verde, tem tido varias conferencias com o sr. ministro das Colonias, ácerca de varios problemas a resolver naquela provincia e sobre a crise alimenticia da sua população.

Aviação Maritima

Parece que vai ser nomeado director da Aviação Maritima, o capitão-tenente piloto aviador sr. Sacadura Cabral.

A industria do peixe em Angola

O pagamento dos direitos alfandegarios em ouro

O sr. dr. Velês de Lima, representante dos fabricantes de conservas de carne e peixe de Angola, especialmente da Companhia do Sul de Angola, procurou hoje o sr. ministro das Finanças, para reclamar contra o pagamento em ouro dos direitos aduaneiros que incidem na metropole sôbre a importação daqueles produtos, o que afecta gravemente uma industria que é nacional.

Na ausencia do sr. Vitorino Guimarães, o sr. dr. Velês de Lima foi atendido pelo chefe do gabinete, sr. capitão Costa Dias.

Corpo de Marinheiros

Exoneração do comandante da 2.ª brigada

Foi hoje assinada a portaria que exonerou de comandante da 2.ª brigada do Corpo de Marinheiros, o capitão-tenente sr. Alvares da Silva.

A SITUAÇÃO POLITICA

TRINDADE COELHO

responde á carta aberta que um redactor do jornal "O Seculo" escreve a CUNHA LEAL

O sr. redactor da semana do *Seculo*, em carta aberta ao sr. presidente do ministerio, declara o seguinte: que o sr. presidente do ministerio «foi levado ao poder pelo choque de três egoismos entrelaçados: o dos outubristas moderados, o dos outubristas extremistas e o dos chamados partidos constitucionais. Cada uma dessas três forças ambicionava para si o poder — porque em Portugal toda a gente quere para si o poder. Mas como não encontraram forma de se entender, *acabaram duas delas por se pôr de acôrdo* (o italico é meu) em chamar uma entidade estranha ás suas desavenças . . . »

O sr. redactor da semana cometeu um erro lamentavel de apreciação e de julgamento. O sr. presidente do ministerio, em primeiro logar, não foi projectado no poder *por um choque de facções degladiadoras*: o sr. presidente do ministerio foi projectado no poder precisamente — para evitar esse choque. Quem projectou s. ex.ª no poder? A guarda? Os partidos? Não: a opinião publica, por meio da corrente que preestabelecera em volta do sr. Cunha Leal.

O sr. presidente do ministerio, assim, que não tomou conta do poder pelo impulso de *um choque*, muito menos tomou conta dele *por um acordo de forças*. O sr. redactor principal deve saber o seguinte: que estamos numa *revolução em marcha*, e que todos os acordos, por consequencia e *por agora*, são ficticios. Ou melhor: não existem. Que pretende o actual gabinete? Pretende *arrumar a casa*. Porque não pode *governar-se a casa* antes de *a arrumar*. E' o velho problema ainda de pé: o da *ordem publica*. A minha formula de solução, porém, é que é diversa. A ordem publica não se soluciona *de dentro para fora:* soluciona-se *de fora para dentro*. O que significa que não pode haver estabilidade governamental sem que a força publica *previamente* a garanta. O facto de esta formula ser minha não significa que a imponha como um *axioma*. E' outra a do sr. Cunha Leal? E'. Oxalá o sr. Cunha Leal me prove que eu estava em erro. Do coração o desejo, eu, que me impuz o dever de auxiliar, na restrição do meu esforço, o esforço do ministerio.

* * *

Em segundo logar, nem moderados, nem extremistas, nem partidos fizeram imposições ao sr. Cunha Leal. A tempera do sr. Cunha Leal é daquelas que não se deixam morder facilmente pelos dentes da *tenaz* que tem pulverizado nada menos de *trinta e quatro* ministerios. Os *extremistas*, mesmo, não fizeram imposições, pois que as sabiam *desnecessarias:* os extremistas tentaram apenas mobilizar as suas reservas no sentido de aniquilar a situação actual. A do governo? Sim: a do governo. Mas só a do governo? Não: a dos partidos tambem. Desta maneira, o que o *sr. redactor da semana* verifica, é o seguinte: é que uma parcela da fôrça publica pretende atingir: a opinião publica, consubstanciada no gabinete que lhe prometeu ordem; o ministerio actual e os partidos politicos. Há, com verdade, um mal entendido. Pertence desfazê-lo: antes de mais nada, á Guarda, por meio de um trabalho de *auto-depuração* que não incumbe ao gabinete; depois, aos partidos politicos, que devem lembrar-se dêstes quatro factos tremendos que me permito rememorar:

a) A guarda foi criada, *après Monsanto*, não para servir a *nação* mas a *politica*.

b) O chefe do estado-maior da guarda foi eleito membro do directorio do partido democratico. Refiro-me ao sr. Liberato Pinto.

c) Os partidos não tomaram qualquer atitude perante a *impassibilidade* da guarda a quando da posse do ministerio Fernandes Costa.

d) O mesmo se deu com o incidente José Casimiro, que provocou a morte de um homem no Campo Pequeno.

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

A PEÇA "OS EMIGRANTES"

ALFREDO CORTEZ

esclarece um ponto da entrevista que o "Diario de Lisboa" fez com LUCILIA SIMÕES

Ainda a proposito dos incidentes ocorridos no teatro Politeama quando da primeira representação da peça de Tito Arantes, intitulada «Os emigrantes» e procurando esclarecer uma passagem da entrevista que o «Diario de Lisboa» fez com a brilhante actriz Lucilia Simões, recebemos do sr. dr. Alfredo Cortez, o ilustre autor da peça «A Zilda», a seguinte carta:

Sr. director: Longe da capital, só hoje li o numero do *Diario de Lisboa* de 24 do corrente em que D. Lucilia Simões fala do caso dos *Emigrantes*, referindo-se a mim de forma que me obriga a vir solicitar-lhe o espaço do seu jornal necessario para colocar a questão no campo da verdade de que ela foi conscientemente desviada.

A parte da entrevista que se entremete comigo resa assim:

«A sala estava quasi vasia quando ouvi uma voz forte gritar—*fóra! fóra! mulher indigna!* curiosa curvei-me. *Quem me chamava mulher indigna?* E um senhor respondeu—*Eu! o Cortez!* Era o talentoso autor da *Zilda* quem me fazia tal descortezia . . . »

Principiarei por dizer que não agradeço a classificação de talentoso, nem a retribuo, porque não é disso que se trata. Não é o caso do talento ou da falta de talento das pessoas envolvidas no conflito, que nos interessa e arredemos formulas velhas, velhos processos conselheirais de envenenar com mel rosado. Tais processos, celebres em grandes manejadores da astucia e, ao que se vê, tambem adoptados por penas leves, femininas, graciosas, não são os meus, nem os desejo.

Nos seus precisos termos a questão é esta:

Tomei de facto papel activo entre os manifestantes da celebre noite do Politeama. A minha atitude, que excedeu em protesto o protesto aliás geral da plateia, é a mesma em que me mantenho hoje, sem o menor arrependimento.

Saí do meu normal, dos meus habitos de espectador silencioso, fui além de todos em indignação ao ver desconsiderado em scena o meu camarada Tito Arantes.

E' certo. Mas é preciso que se saiba que o que para os outros era uma razão, para mim era *mais* uma razão. Eu sabia que o autor da peça que se representava fôra desatendido desde o primeiro dia de ensaios dos *Emigrantes*, e contrariado e prejudicado por todas as formas, com absoluto desrespeito pela sua qualidade de autor dramatico. A companhia que lhe punha a peça em scena exclusivamente por força dum contracto escrito, cortadas as relações pessoais, procedeu com Tito Arantes desta forma:

—Alterou a distribuição dos papeis, préviamente acordada com ele, sem o consultar;

—Manteve essas alterações, apesar do seu protesto;

—Não lhe consentiu que ocupasse no palco o logar que lhe pertencia ao lado da ensaiadora, recusando-lhe assim o direito de intervir nos ensaios e de significar o valor que ele entendesse dever ser dado a cada scena e a cada frase. Se queria *vêr* ensaiar, que se sentasse numa cadeira lá ao largo;

—A uma observação que o autor, por terceira pessoa, fez chegar á ensaiadora, respondeu esta: «O autor que se meta na sua vida»;

—Foram cortados e alterados trechos da peça sem previo conhecimento do autor;

—Desrespeitaram-se rubricas contra sua vontade expressa;

—Quando o autor um dia quiz acrescentar uma frase, que julgou necessaria, no papel de Lucilia Simões, recusou Lucilia Simões dize-la, com o fundamento de que o seu papel já era muito grande;

—Entretanto, e com o fim manifesto de criar mau ambiente á peça, concedia a mes-

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

TRANSPORTES MARITIMOS

FORAM SUSPENSAS AS CARREIRAS PARA A AMERICA DO NORTE

A pouca honestidade dos agentes dos T. M. E.--O "Sines" está arrestado num porto inglês ha mais de 2 anos

Mais alguns apontamentos para a historia tragico-maritima dos T. M. E.:

Como se sabe durante a guerra foram cedidos alguns navios á Inglaterra. Esta, entendendo que não devia administral-os, entregou-os á casa *Furness*. Logo que a guerra acabou a nossa velha aliada, como tambem é sabido, volveu os navios a Portugal. O *Sines*, que estava em Cardiff, foi arrestado. Ha dois anos que estaciona no porto. Esquecer-se-iam os Transportes Maritimos do Estado que possuem um navio que se chama *Sines?*

* * *

Aprisionámos aos alemães 85 navios; restam-nos quarenta. A diferença entre estes numeros devem-se aos incendios, ás avarias e, principalmente, aos arrestamentos de quasi todos os navios.

* * *

O *Gaza* está arrestado em Baltimore; o *Faro* em Porto Artur (no Texas); o *S. Vicente* chegou ha dias ao Tejo com 12 «dollars» de carga depois de ter estado arrestado em New Bedford um mês!

* * *

Os agentes dos T. M. E. são muitos. Nenhum ocupa o seu cargo mais dum mês.

Resultado: Como não aquecem o logar tratam dos seus negocios, prejudicando os Transportes.

* * *

As carreiras de vapores para a America do Norte já estão suspensas. O *S. Vicente*, que regressou ha pouco, como já se disse, vai agora fazer carreiras entre Moçambique e a India. Não devem dar nada.

* * *

O *S. Vicente* tem historia longa. Fez uma viagem em Setembro. Chegou aos Açôres para embarcar passageiros. Podia levar quatrocentos para a America, mas só levou duzentos porque os agentes, em virtude das ordens recebidas de Lisboa, não sabiam se ele seguia o destino indicado ou se ia para Macau. Por ultimo foi para a America. Chega a New-York e é arrestado. No casco do navio lê afixado um placard. O comandante manda tirá-lo por um marinheiro, barafusta, protesta e consegue levantar ferro. Agora, porem, em New-Bedford o arrestamento só findou quando o Estado pagou aos agentes dos T. M. do E. cem mil *dollars* dos duzentos e sessenta mil que lhes devia.

* * *

Em New-York o agente dos T. M. do E. é uma tal casa de judeus alemães que tem por rubrica: C. R. Ritcher. E' ela que promove todas as dificuldades aos nossos barcos no intuito de os comprar por baixos preços.

* * *

O agente de New-Bedford não deixa navegar os navios, mas navega nas aguas da casa Ritcher. Assim, tentou agora obter uma sentença do juiz de Boston para que o *S. Vicente* fosse vendido em hasta publica. Comprá-lo-hia depois, já se vê.

* * *

Os ordenados das tripulações dos barcos dos T. M. do E. andam sempre em atrazo. Os do pessoal da administração são sempre pagos no dia 26. Se se fizesse o contrario, evitar-se-hiam, decerto, muitos vexames á nossa bandeira.

* * *

Entre os armadores estrangeiros, português é sinonimo de caloteiro. E provavel que a palavra ainda venha a ficar num dicionario internacional de linguas.

* * *

O *S. Vicente* chegou a New-Bedford a 14 de Novembro e devia sair no dia 25. Só depois das cem mil libras é que se conseguiu safar das aguas daquele porto, isto é, no dia 14 deste mês.

* * *

Com o dinheiro que o Estado tem adeantado aos Transportes já podia ter comprado duas frotas mercantes. E' provavel que daqui a um ano, por este andar, levante um grande emprestimo, destinado a solver as suas dividas.

* * *

A maior parte das autoridades consulares não auxiliam os capitães dos navios. Citam-se, como bons consules, o de Anvers, o de Cardiff... Poucos mais existem.

* * *

Um navio que foi a Hamburgo, onde encontrou grande carga para Anvers por bons fretes, foi mandado regressar imediatamente a Lisboa. Numa doca qualquer do Tejo contemplou a Outra-Banda durante meses.

* * *

Um dos dirigentes dos T. M. de E. tem dois barcos. Nunca com eles auferiu lucros. Chamaram-lhe capacidade e faz serviço na administração dos Transportes Maritimos.

* * *

A unica carreira que dá lucros é a do Brasil. O dinheiro que os T. M. do E. auferiram durante a guerra esgotou-se rapidamente. Ha quem atribua este facto, em parte, á chusma de empregados sem carteiras que a administração dos Transportes beneficia com chorudos ordenados.

* * *

O sr. ministro do comercio deve esta noite ler o que aqui fica. E' provavel que se ria porque deve saber mais, muito mais mesmo, sobre este desgraçados Transportes Maritimos que só têm transportado, para todos os pontos do globo o nosso descredito.

Comemorando o Ano Bom

O "DIARIO DE LISBOA" PUBLICAR-SE-HA AMANHÃ COM 16 PAGINAS E IMPRESSO A CORES

TRAZENDO, ENTRE OUTROS, OS SEGUINTES ARTIGOS:

Historia curta duma Madalena, POR NORBERTO DE ARAUJO; **A cronica que eu nunca cheguei a escrever,** POR NORBERTO LOPES; **O movimento social português,** POR L. CONSIGLIERI SÁ PEREIRA; **Considerações á margem do Juiso do Ano,** POR ARTUR PORTELA; **Comentario á interpretação que a grande actriz Lucilia Simões deu á peça "Zázá".**

Os Teatros

Atrás do reposteiro

Nos palcos de Lisboa comenta-se muito certo incidentê ocorrido no seio de uma companhia dramatica, que, a ser verdadeiro, daria lugar, segundo informam os alvicareiros, ao divorcio de dois artistas muito conhecidos.

—Leopoldo Froes, actor brasileiro, que já trabalhou em Lisboa, onde debutou, sendo ctualmente empresario de varias companhias no Brasil, manifestou desejos de trazer a Portugal uma delas, na qual viria incorporado como primeira figura.

—O actor Luís Pinto, entre outros projectos que traz em mente, deseja empregar os seus capitais numa das explorações a fazer no Avenida Parque, por ventura a ressurreição do Teatro da Natureza, já experimentado com certo exito no Jardim da Estrêla.

—O nosso colega «A Manhã» dizia hoje que o incidente ocorrido no Politeama, a que o «Diario de Lisboa» fez ontem referencia, se deu entre o sr. Luís Pereita, empresario daquele teatro, e o actor Erico Braga, acrescentando que, segundo parece, se romperam, por isso, todas as combinações para a ida ao Brasil da companhia Lucilia Simões.

—A ilustre actriz Lucinda do Carmo não experimentou melhoras do gravissimo ataque de urémia de que está sofrendo.

—O Teatro Nacional, por motivo desta quadra festiva, faz ámanhã e depois duas unicas representações da peça historica «D. Afonso VI».

—A companhia Chaby Pinheiro dará os seus espectaculos em Lisboa no teatro Avenida e os do Porto no Sá da Bandeira.

—Parte por estes dias para o Porto, devendo ali avistar-se com Angela Pinto, por motivo da ida desta artista ao Brasil, o empresario sr. José Loureiro, cada vez mais empenhado em que, por ocasião das festas do Centenario do Brasil, Portugal tenha no Rio de Janeiro uma representação artistica teatral condigna.

—Alves da Cunha, logo que termine a curta serie de espectaculos que estão fazendo um grande exito no Aguia de Ouro, do Porto, irá a Braga, Viana do Castelo, Aveiro e Coimbra, para o que já recebeu vantajosas propostas.

—A actriz Emilia de Oliveira projecta levar a companhia, que tem organisada, a percorrer todo o país, ir á Africa, fazer as nossas ilhas e seguir depois para o Brasil.

—Um grupo de capitalistas de Benguela, um dos quais se encontra em Lisboa, vai modernizar o actual teatro daquela cidade africana, a fim de ali poder ir uma companhia de opereta, de Lisboa.

—O espectaculo de ontem, no S. Luís, «première» da «Moreninha», a despeito de ter terminado depois da uma hora, foi de tal modo atraente, que o publico, em massa, esteve até ao final, sem arredar pé.

—A gentil actriz Leonilde Pereira foi contratada pelo empresario José Loureiro para ser incorporada na companhia Chaby Pinheiro.

—Subiu á scena ante-ontem, no Porto, o original português «Os lobos», de Lage e Correia de Oliveira. A critica portuense é unanime no elogio da peça e na interpretação da companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro.

RECLAMES

S. Carlos—E' hoje que, em primeira recita extraordinaria, se realiza o primeiro espectaculo de opera da temporada, subindo á scena a opera de Wagner «Tristão e Isolda».

Nacional—Representa-se hoje, mais uma vez, a peça «Frei Satanaz».

Politeama—Dá hoje mais um espectaculo a peça «Zázá».

Avenida—O «Pai Simão», que continúa a representar-se é uma comedia engraçadissima.

Apolo—O publico continúa a ir assistir em massa á nova revista «E' o levas...»

Chiado Terrasse—«A Sacrificada», peça em cujo desempenho entra Emilia de Oliveira, repete-se hoje.

Eden-Teátro—O «Tic-Tac» é todas as noites a revista popular mais preferida.

Salão Foz—Todo o apreço que o publico tem dado á «Bichinha gata» póde-se conhecer sabendo-se que completa hoje 114 espectaculos.

Coliseu dos Recreios—No espectaculo de hoje entrarão todos os artistas da grande companhia de circo.

CARTAZ

S. Carlos—A's 20-30—Primeira recita de assinatura extraordinaria—«Tristão e Izolda».
Nacional—A's 21—«Frei Satanaz».
S. Luís—A's 21—«A Moreninha».
Politeama—A's 21,15—«Zázá»
Avenida—A's 21,30—«Pai Simão».
Apolo—A's 21-15—«E' o levas...»
Chiado Terrasse—A's 21—«A Sacrificada»
Eden-Teatro—A's 20,30 e 22,30—«Tic-Tac».
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30—«Bichinha Gata...»
Coliseu dos Recreios—A's 20,45—Grande companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«O remorso».
Teatro dos Anjos—A's 20,30—Quintas, sabados e domingos—«O homem macaco».

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Salão da Promotora—(Ao Calvario)—Aos domingos, segundas, quintas e sabados—Animatografo.

TEATRO NACIONAL

HOJE

NOITE DE ENTUSIASMO

A peça em 3 actos, original de
SOUSA COSTA

FREI SATANAZ

Interessantissimo entrecho — Esplendido desempenho—Magnifica enscenação — Agrado unanime

É Hoje O **APOLO** — **Grande deslumbramento!** Levas! **Sucesso sem precedentes!**

**Maria da Graça, é uma
Rapariga de feição,
Tem mau genio mas em suma
Nunca falta ao PAI SIMÃO.**

TEATRO SALÃO FOZ

Empresa Artur Emauz
Companhia Otelo de Carvalho
de que fazem parte
Antonio Gomes, da Trindade, **Laura Costa** e **Julia de Assunção**

O maior dos exitos

HOJE — EM DUAS SESSÕES

112 - representações da incomparável revista

Bichinha Gata...

A revista querida do publico
GRANDIOSO SUCESSO
O mais divertido e barato espectaculo de Lisboa

Cães

Vendem-se belos Lulus da Pomerania, Fox Terrier, São Bernardo, Serra da Estrela, Lobos da Alsacia, Galgos, Perdigueiros e mais raças.

Canil Nacional

132 — Rua das Amoreiras, 132 — LISBOA

CINEMA CONDES

TODAS AS NOITES

A grande actriz MARY GARDEN na grande maravilha cinematográfica

THAÏS (6 partes)

Ámanhã—Desafio de «foot-ball» entre o GRUPO TCHECO-SLOWACO e o CASA PIA ATLÉTICO CLUB e SPORTING CLUB

COLISEU DOS RECREIOS

Telef. C. 4196 — HOJE—ás 20,45—HOJE

ESPECTACULO DE ACCIONISTAS

Sempre novidades e atracções pela

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

FRANCFORT HOTEL

Rocio, 30---LISBOA

140 quartos, modernisados e confortaveis. Especialmente recomendado para familias.

Empreza Internacional, L.da

Rua Augusta, 76, 1.º

TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346

TELEGRAMAS:---GALVANICA

MAQUINAS ELECTRICAS

GARBE LAHMEYER & Co A. G.

HOTEL de l'EUROPE ⁘ LISBOA

INSTALAÇÕES MODELARES

Apartements com Sala de Banho, W. C. e Salão—Primoroso serviço de cozinha

A direcção participa aos seus Ex.mos clientes que já funciona o elevador deste hotel

HOTEL METROPOLE

Rocio, 20 ⁘ LISBOA

Conforto moderno. Um dos melhores hoteis de Lisboa. Recomendado pela Sociedade de Propaganda de Portugal.

POLITEAMA

Telef. C. 1028 — A's 21,15

EMPRÊSA LUÍS PEREIRA
COMPANHIA LUCÍLIA SIMÕES
dirigida por LUCINDA SIMÕES

3.ª representação da peça em 5 actos, de **Breton**, tradução de **E. Garrido** que **ontem obteve um exito formidavel**

ZÁZÁ

Aplaudidissimo desempenho de Lucilia Simões, Lucinda Simões e Erico Braga

Admiravel enscenação de **Lucinda Simões**

Domingo, 1 — 7.º concerto de assinatura pela

Orquestra Sinfonica de Lisboa

sob a direcção de FERNANDES FÃO

Teatro de S. Carlos

Sociedade do Teatro de S. Carlos, Limitada
Tel. C. 5063 — HOJE, sexta-feira, 30

1.ª Recita de Assinatura Extraordinaria

A opera de Wagner

TRISTÃO E ISOLDA

Direcção de Vittoria Gui

Tomam parte os primeiros cantores Elsa Bland, Maria Canuana, Cesa Bianchi, Formichi e Griff

Domingo, 1 — 7.ª Recita Ordinaria com TRISTÃO E ISOLDA.

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia LUZ VELOSO

O MAIOR SUCESSO

A celebre peça em 3 actos de **Gaston Devore**

A Sacrificada

EDEN-TEATRO

Até hoje tem-se representado em Lisboa muitas revistas de sucesso, mas como o

TIC-TAC

Nunca houve nenhuma

Exposição do Rio de Janeiro

A fim de evitar possiveis enganos sobre as classificações dos concursos para os pavilhões dos concursos para os pavilhões a construir no recinto português da Exposição do Rio de Janeiro e para os cartazes de propaganda a espalhar pelo país, mandou o comissariado geral afixar na sua sede, na Sociedade de Geografia, um aviso, indicando, por sua ordem, os outros classificados, sendo para o pavilhão de honra o 1.º premio atribuido á divisa *Morrer, sim, mas devagar;* o 2.º a divisa *Vulcano,* e o 3.º á *Portugal,* havendo obtido classificação especial os projectos *Terror de Santa Cruz,* n.º 7; *Terror de Santa Cruz,* n.º 4, e *Lusitania.*

Do pavilhão das industrias obteve o 1.º premio a divisa *Padrão de Portugal;* o 2.º a divisa *Patria,* e o 3.º a *Vera Cruz,* tendo sido os cartazes classificados pela seguinte ordem: 1.º premio, *Adamastor;* 2.º, *Gita;* 3.º, *D'ouro,* e 4.º, *Portugalia.*

A PRESTAÇÕES

Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á A Electro-Quimica, Lda. — Rua Douradores, 29, 3.º

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

NOVAS DE LONDRES

A França quiz ameaçar a segurança da Inglaterra?

A opinião de Balfour sobre o pedido feito pela França sobre a tonelagem dos submarinos

Harding abriu guerra á conferencia de Washington?

LONDRES, 30. — Balfour, falando em Washington sobre o pedido da França para que lhe fossem atribuidas 90.000 toneladas para os barcos submarinos, considera essa exigencia como uma ameaça muito importante para a segurança da Grã Bretanha.

O presidente Harding e o sr. Hughes fizeram constar que se a Conferencia de Washington adopta a resolução firme de restringir os submarinos, fará com que todas as nações encarem como sendo possivel em breve a limitação das suas actividades, por meio duma nova conferencia.—(R.).

O acordo anglo-irlandês

LONDRES, 30.—A opinião publica irlandesa continúa esperançada na ratificação do acordo anglo-irlandês. No emtanto, os Bancos e as casas comerciais de Dublin uniram-se ás autoridades policiais para se defenderem dos assaltos dos bandos que estão aterrorizando a população da cidade.—(R.).

A RUSSIA agita-se novamente?

42.000 quilometros de linha ferrea inutilizada

VARSOVIA, 30.

O comissario russo Dzierynski declarou que quarenta e dois mil quilometros de vias ferreas russas estão completamente inutilizadas. O numero de ferroviarios foi reduzido a tresentos e quarenta mil. Os transportes estão paralizados por causa dos roubos constantes que se cometem nas linhas.

Anunciam tambem de Petrogrado que tem havido graves tumultos em Pskov e em Odessa e nas regiões circunvizinhas onde os camponeses se recusam a pagar os impostos em generos.—(U. P.)

A Espanha no Riff

MADRID, 30.—Telegrama recebido do Alto Comissario informa não haver novidade no territorio do protectorado.

No domingo realisar-se-ha nesta cidade um comicio a favor do resgate dos captivos de Marrocos.—(R.).

MEI BROTHERS
Egyptian Cigarrettes
TABACARIA GLÓRIA
178, R. DO OURO, 178
- TELEFONE C. 421 -

VICTOR MOREIRA FONTES
--- CLINICA GERAL --- DOENÇAS DAS SENHORAS ---
CONSULTORIO
Rocio, 59, 1.º -- Tel. 5:497 C.
- - - CONSULTAS DAS 4 ÁS 6 - - -

EXEMPLO A SEGUIR

O ORÇAMENTO NORTE-AMERICANO

ACUSA UMA ECONOMIA DE BILIÃO E MEIO DE "DOLLARS"

COMO FOI FEITA A SUA ORGANIZAÇÃO E QUAL A OBRA DE DAWES

Em toda a parte se levanta a questão dos empregados publicos que absorvem uma parte fabulosa dos orçamentos, sem que do seu trabalho provenha uma utilidade comparavel á despesa, sequer de longe.

Se entre nós se tem feito ruido em torno deste assunto, em França não se tem feito menos; é unanimemente reconhecido que os empregados são demais.

Ha porém uma nação que resolveu o problema satisfatoriamente, sem se preocupar com as dificuldades que se levantam, sempre que um ministro deste lado do Atlantico, pensa em reduzir os serviços publicos ao necessario. A nação que realizou esse milagre foi a America, por intermedio do director do orçamento, o general Charles Dawes.

E' Stéphanne Lausanne quem manda da America a explicita narrativa de como, por meio de 168.750 «dollars» poude realizar-se uma economia orçamental de bilião e meio de «dollars», ou seja ao cambio actual 129.780 contos. Um dia, o jornalista francês ouviu dizer ao presidente Harding, numa reunião de jornalistas: «Tenho o prazer de vos anunciar que o nosso orçamento de 1922 realizará uma economia de mais de bilião e meio de «dollars». Não ficaremos por aqui: em 1928 o orçamento apresentará uma economia de mais de dois biliões.

Ouçamos agora as explicações que Dawes dá da forma como realizou tal milagre; antes porém saibamos que o director do orçamento, apesar de general, é ainda uma rapaz cheio de novidade e vida, que trabalha alegremente numa casa cheia de luz.

—V. tem um poder ilimitado?...

—Isso sim! um poder dos mais limitados. Não tenho o direito de dar uma ordem, de assinar uma carta, de tocar numa folha de papel de qualquer ministerio. Tenho apenas o direito de me informar. Sou um simples *coleccionador de informações* (a gatherer of informations). Dêsse direito uso eu, e largamente. Em virtude dos poderes que me foram conferidos pelo presidente posso convocar ao meu gabinete todos os secretarios de Estado, os funcionarios mais altamente colocados e dizer-lhes: «Tende a bondade de me dar esta ou aquela informação ácerca do orçamento da sua repartição; de me dizer porque tendes tantos e tais empregados».

«Têm obrigação de me responder. E é tudo. Não tenho autoridade para ir mais longe, não posso ordenar uma redução de credito ou a supressão de um emprego. O unico com autoridade para isso é o presidente. Mas posso falar-lhe a toda a hora do dia ou da noite.

«Quando me fornecem as informações que pedi, e que não podem recusar-me, examino imparcialmente, com toda a justiça e moderação o caso que tenho diante de mim. Depois vou ter com o presidente e digo-lhe que isto ou aquilo deve ser suprimido ou reduzido; éle dá-me razão ou não. Há seis meses tem-me dado muito mais vezes razão do que recusado. Ao fim de trinta dias de trabalho já eu tinha conseguido 110 milhões de economia. Passados três meses, 500 milhões. Emfim, o orçamento nacional de 1922 há de fechar com uma redução de 1 bilião 570.118:323 «dollars» e 30 «cents». Não esqueça os 30 «cents» que representam um esforço menor, mas um esforço da mesma forma.»

Eis como se fazem as coisas nos Estados Unidos; um empregado subalterno, revestido com a autoridade que lhe dá o presidente, chama ao telefone o ministro, e êste tem obrigação de lhe vir dar contas como administra a parte do orçamento que lhe foi atribuida. Eis a definição da republica que dá Dawes, e que é um pouco diferente da que estamos habituados a ouvir.

—«No fundo uma republica não deve administrar-se de outra forma que não seja a de um grande banco, em que o director geral—o presidente—tem toda a responsabilidade do que passa, é certo, mas tem tambem o direito de conhecer o emprego do primeiro sub-director até ao do rapaz de voltas. Eu sou apenas um auxiliar do presidente, encarregado de colígir informações.»

Agora, qual o principio em que se baseou uma tão grande economia? Neste principio é que está a nossa grande dificuldade; quem o porá em pratica?

—«Emprego o principio—diz Dawes—de que não ha nunca bastantes homens capazes bem pagos, e sempre demasiados inuteis mediocremente pagos. Não tenho compaixão pelos inuteis, mesmo modestos, porque são estes que custam sempre mais caro.»

O proprio director do orçamento, seguindo o principio de que o bom medico toma as proprias receitas, aplicou a si mesmo o principio que aplicava aos outros, reduzindo o credito de 225:000 «dollars», que lhe tinha sido votado, a 168:750 «dollars». Os chefes de serviço que estavam ás suas ordens, obrigados a fazer o serviço com menos pessoal, escolheram-no entre os melhores. Em seguida, todos se esforçaram por poupar no material e nos fornecimentos, porque o que gastassem a mais ser-lhes-hia descontado nos proprios ordenados...

E eis como é facil, com um homem energico, de boa vontade e de caracter, realizar uma fabulosa economia, segundo as normas da justiça, quando a força não está em poder dos inuteis...

BOLACHAS INGLESAS
W. R. JACOBS & C.ª
Remessa chegada pelo vapor *Aguilla*, á venda na
MERCEARIA BRASILEIRA
Francisco Pinto
267 --- Rua Augusta --- 269
Nova remessa a chegar
Agente para Portugal e Colonias: ANTONIO M. VIANA, *Rua da Madalena, 66, 2.º*

PANCADA, MORAES & C.ª
Prata, ouro, moedas e notas de todos os paises, coupons nacionais e estrangeiros, vencidos e a vencer
: : : : compra aos melhores preços : : : :
RUA AUGUSTA, 37 (esquina da R. S. Julião)

NOVAS DE BERLIM

Resolver-se-ha emfim a questão das reparações?

A Alemanha póde ou não satisfazer os pagamentos das prestações de janeiro e fevereiro?

O que resultará da proxima conferencia de Cannes?

BERLIM, 30.— O sr. Rathenau vai a caminho de Cannes apoiado pela opinião publica alemã, que deseja com toda a boa fé resolver o problema das reparações satisfazer os seus compromissos. Se na Alemanha ha má fé e falta de desejo de cumprir as suas obrigações é apenas na parte da burucracia monarquica e não na maioria dos politicos e do povo em geral. No entanto, parece tambem haver em redor do chanceler como houve em redor do kaiser um grupo de personalidades que são más conselheiras. Toda a propaganda para a revisão da questão das reparações é influenciada pelo espirito imperealista do Wilhelmstrasse.

O chanceler Wirth é pessoalmente e politicamente honesto e digno de credito, mas o mesmo não pode ser dito das poderosas influencias que o rodeiam e que sobre ele exercem pressão, Um exemplo frisante da duplicidade destas entidades alemãs é que admitem unicamente que a Alemanha se pode pagar duzentos milhões de marcos em ouro por conta do seu pagamento de janeiro e que nada pode pagar do debito que se vence em fevereiro. Isto é o que o sub-secretario Fischer dirá ou já disse em Paris, mas informações dignas de credito dizem que a Alemanha pode satisfazer completamente os pagamentos de janeiro e fevereiro sem tocar nas reservas de ouro do Banco Imperial—(U. P.).

O que a Alemanha poderá pagar

BERLIM, 30

Consta, por informações de origem autorisada, que a Alemanha informará em Paris na conferencia das reparações que o maximo que ela poderá pagar em 15 de fevereiro será duzentos a trezentos milhões de marcos ouro, sem tocar na reserva de ouro do «Reichsbank».

Se a Alemanha se vir forçada a fazer uso da sua reserva de ouro, ela só conseguirá, mesmo assim, pagar um bilião e seiscentos milhões de marcos ouro durante 1922, em vez dos dois biliões que lhe são exigidos.

No caso da Alemanha ser desapossada de toda a sua reserva de ouro, é quasi certo que ela não conseguirá efectuar os pagamentos das reparações que se vencerem depois de 1922. — (R.)

A circulação fiduciaria

BERLIM, 30

Segundo informação do «Reichsbank», durante a semana que findou em 23 do corrente, foram postos em circulação na Alemanha quatro biliões e oitocentos milhões de marcos, de novo papel moeda.

A circulação fiduciaria na Alemanha fica assim sendo quasi de 117 biliões de marcos em papel. — (R.)

Mantero & Mendonça, Lt.ª
OFICINAS DE MECANICA, de carrosserias e pintura para
AUTOMOVEIS E CAMIONS
Rua Marquês Sá da Bandeira, N.º 61
(Ao Campo Pequeno)
TELEFONE 2:545 — N

A SITUAÇÃO POLITICA

Trindade Coelho

(Continuação da 4.ª pagina)

Em terceiro logar:

O senhor redactor principal, que sabe que a *politica* é uma sciencia, e que, como tal, só joga com *realidades* e *com possibilidades*, deve saber tambem duas coisas: que a solução Cunha Leal era, *por agora, a ultima e a unica*, e que o senhor Cunha Leal, assumindo o poder por um *mandato imperativo* — ou melhor, para nos salvar de uma catastrofe iminente — não podia, pela baralhada infernal das pedras *com que tem de jogar, realizar impossiveis*, isto é, resolver, *en coup de foudre*, o problema da ordem, *sem solução ha muitos anos*. O senhor Cunha Leal, por consequencia, não procurou *resolver:* procurou *preparar;* não tentou *um milagre:* tentou uma *plataforma*. Uma plataforma em que todos, penetrados pelos exemplos do seu *espirito de sacrificio* e do *do seu dominio de si mesmo* resolvessem, emfim, cuidar da nação, rodada, esmagada, desfeita, pelos votos de um club jacobino que correu Deus a pontapés de um país catolico; que subverteu a moral cristã não a substituindo por outra; que contaminou a força publica em holocausto a uma politica de corrilhos; que desorganizou a familia, que esfarrapou a lei — e que fez o resto.

O senhor redactor principal deve ser um cidadão, um português, um republicano como eu. Cumpre-lhe, como tal, não lançar o desanimo á volta do gabinete. Porque se todos nós, á volta dele, formarmos a *casa da guarda*, o *gâchis* da vida publica, possivelmente, encaminhar-se-ha para o desfecho.

Repito: a solução Cunha Leal é, por estes tempos mais chegados, *a ultima e a unica*. Tem outra o senhor *redactor principal?* Pois muito desejaria que a apontasse ao país.

Porque, *se fôr melhor do que esta*, aceitá-la-hei, dentro, como sempre, da minha conscia e da minha inteligencia. Isto está bom? Não: isto está pessimo. Está, porém, como está. Aceitemos pois os *factos consumados*, mas aceitêmo-los na esperança de que o sénhor Cunha Leal é, por estes tempos mais chegados, *o unico e o ultimo*.

Que vem aí? Uma crise de gabinete? Então—vem o *fim do fim*. Aqui fica a *profecia facil*.

Trindade Coelho.

Pessoal da Carris

A comissão de melhoramentos da Carris esteve hoje de tarde no Interior á espera do sr. Cunha Leal, para lhe apresentar novamente as suas reclamações. Da anterior conferencia com o coronel sr. Freiria não resultou vantagens para a solução do conflito, que não se sabe até onde póde ir.

Pedro Martins

cumprimenta o Papa

ROMA, 29.

O Papa recebeu o ministro de Portugal, sr. dr. Pedro Martins, que lhe foi apresentar os seus votos a proposito do novo ano.

Mario Machado

Da Escola Dentaria de Paris

Doenças da boca e dentes

CHIADO, 74, 1.º—Tel. C. 4186

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 31:

Reza-se S. Silvestre, Papa e Martir; duplex, paramentos brancos, na missa 2.ª oração da Oitava, Credo e prefacio do Natal.

Lausperene na igreja paroquial do Socorro.

Festividades:

Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vesperas; ás 13, «Te-Deum», pelo final do ano; S. Roque, ás 8,30, missa; Antiga Lapa, ás 11,30, missa solene da reposição do Lausperene, por musica.

Socorro, ás 11,30 horas, missa solene, exposição do Lausperene, por musica; ás 18 horas, Te-Deum, pelo final do ano, por musica.

Te-Deum, em acção de graça pelos beneficios recebido durante o ano, com exposição do SS.mo por musica e distribuição dos Santos Protectores: Ordem Terceira da Cidade, ás 8.30; S. Domingos, ás 9,30; S. Julião, ás 11; Martires e Inglezinhos, ás 15; Antiga Lapa e Encarnação, ás 17; Anjos, ás 18; Conceição Nova e Corpo Santo, ás 19; Conceição Velha e S. Nicolau, ás 20.

Cacau "VATEL"

"INCOMODINE"

GRANDE especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normaliza rapidamente a menstruação. Caixa 6$00, correio mais 200 réis. Farmácia J. Nobre, Rossio, 109, Lisboa.—A' venda no Porto, no Largo de S. Domingos, 42.

GOVERNO — OUTUBRISMO — PARTIDOS

ESTÁ NUBLADO O CEU DA NOSSA POLITICA

O sr. Presidente do Ministerio fez poucas e sobrias declarações ao "Diario de Lisboa"

"E' preciso que o acto eleitoral realize um Parlamento diverso dos anteriores, capaz de tornar possivel a vida administrativa. Não quero ser um ditador"

A tarde de hoje foi fertilissima em boatos politicos. «Que estava terminada a vida do gabinete Cunha Leal» e não se sabia o que iria seguir.

A' roda disto no ceu da nossa politica—ceu, parece ironia...—pode o leitor imaginar o que se inventou.

Infelizmente, qualquer coisa de novo em materia de politica governamental se desenrola.

Sem perdermos tempo em divagações, que não aproveitam a ninguem e muito menos ao país, nós resumimos, na posse plena de toda a verdade, sem boatos:

—Entre os partidos e o sr. Cunha Leal, chefe do governo, ha um desacôrdo, por aqueles não terem querido ou podido satisfazer certas aspirações expressas em pedidos, do sr. presidente do ministerio, em materia eleitoral.

—Os directorios dos partidos entregaram ao chefe do governo uma nota escrita e assinada pelos directores, em que êstes marcam a sua impossibilidade de irem contra a vontade das fôrças partidarias.

—O chefe do governo, redigida uma nota oficiosa que a esta hora ainda não nos chegou, deve ir, exactamente á hora que escrevemos, *expôr a situação* ao sr. Presidente da Rêpublica.

Para muitos dos nossos leitores, *expôr a situação* será apresentar a demissão. Nós garantimos, tanto quanto é possivel, que estamos dentro da verdade afirmando que da reunião, que já se deve ter realizado em casa do Chefe do Estado, não sairá demissionario o sr. Cunha Leal.

Muitas cousas cabiam dizer nesta altura, mas julgamos mais acertado não nos referirmos a elas. Está nublado o tempo, é certo, mas pode ser que não chova.

* * *

Avenida Palace. Dezesseis horas. Um gabinete claro, que deve ter servido a trabalhos de natureza politica. Papeis, livros, telegramas, um telefone, e á roda do sr. Cunha Leal o sr. ministro do comercio, dr. Nuno Simões, o sr. governador civil, tenente Agatão Lança, e alguns politicos—poucos.

—Não vejo motivo para os boatos que correm. A situação pode esclarecer-se. Vou ao Chefe do Estado daqui a pouco.

—Em resumo, trata-se...

—De pontos de vista desencontrados, por circunstancias remotas alheias ás nossas vontades. Republicanos todos são. Os atritos são naturais nestas crises de ordem nos espiritos...

— Gostava que v. ex.ª falasse claro.

O chefe do governo pareceu maguar-se, mas compreendendo, disse, com certo ar de sobriedade:

— O Governo não pode deixar de orientar as eleições num sentido de que o Parlamento seja constituido de uma maneira diversa dos anteriores. Pois quê! Eu estou aqui, com os olhos fitos nos interesses do país — já não quero empregar os lugares comuns do costume—e depois de todo este trabalho, que julgo o país compreenderá, o Parlamento vai ficar como os que foram devolvidos! Vai continuar o *gachis* politico!

— V. ex.ª pediu aos partidos que favorecessem determinadas candidaturas?

Calou-se o sr. Cunha Leal.

— Não sou obrigado a responder ás perguntas que v. me faz. Em todo o caso digo-lhe que eu não posso nem quero fazer exigencias, incompativeis com a minha dignidade e os meus compromissos, quere aos partidos, quere aos elementos chamados «outubristas».

«O que desejo, porêm, é que as combinações locais, inevitaveis em materia eleitoral, tenham o meu conhecimento, o meu acôrdo.

E com serenidade:

—Então vou presidir a umas eleições, para tudo ficar no mesmo estado que tornou possivel o 19 de Outubro!

—Os directorios entregaram a v. ex.ª uma nota?

—Sim senhor. Vou lê-la ao sr. Presidente da Republica.

—E...

—Espero que haja uma plataforma que permita não a mim, Cunha Leal, mas ao Chefe do Governo, fazer frente á situação, com logica politica e uma certa abnegação de parte de quem a deve ter. Superiores aos interesses locais restritos destes ou daqueles, ha o interesse nacional que eu sou obrigado a cobrir neste momento. Pois vão-me deixar só!!

— E as eleições?

— Indicaram-nas os partidos para o dia 8, e far-se-hão no dia 8.

— Mas no caso sujeito, parece não haver possibilidade se realizarem. Não é verdade?

Estava já de pé o sr. Cunha Leal, e só comigo. Vê-se que não quiz responder. Haviam já saido o sr. Agatão Lança e Nuno Simões.

—Perdõe-me. São horas de sair tambem.

—Como hipotese: estaria v. ex.ª disposto a governar em ditadura?

—Não! Não estou disposto a ser ditador! A ditadura, para fazer uma obra, ainda a compreendo. Mas para provocar uma convulsão, nunca. Note: respondi-lhe só como hipotese...

E vestindo o seu *pardessus:*

—E' preciso que ao Parlamento vão, não apenas politicos, mas representantes de varias forças de actividade locais.

—Ainda uma pregunta: a ordem publica?

—Tenho-a assegurada, mais pelo sentimento que todos têm das suas responsabilidades ante a Patria, do que pelo meu esforço individual. Vejamos tudo isto com muita calma e tambem... com muita abnegação. Vejamos que somos republicanos, mas sejamo-lo de facto...

* * *

Eis a nota oficiosa:

«O conselho de ministros esteve reunido no ministerio, desde as 10 ás 13 horas, apreciando a nota dos directorios dos partidos, que pelas 17 horas será comunicada ao chefe do Estado pelo sr. presidente do ministerio, que lhe exporá a situação politica».

* * *

Segundo os calculos por quem sabe da especialidade, os partidos teem as seguintes possibilidades para deputados:

Democraticos	80
Liberais	25
Reconstituintes	11
Vagas	47

Conforme é crivel supôr-se, o governo o que pretende é evitar que estes 47 *fauteuils* vão para os monarquicos e catolicos, exclusivamente.

* * *

Um deputado graduado do partido liberal disse ao nosso redactor:

—Está bem. Nós apoiamos o sr. Cunha Leal. Mas não podemos ir contra as vontades das organizações partidarias locais.

—Mas isso é um apoio platonico.

—A provincia veria mal que o governo favorecesse candidaturas outubristas. Fala-se de 12.

—Note, sr. Ribeiro de Carvalho, dissemos nós. Há outubristas serios que teem favorecido mais a ordem e o governo Cunha Leal do que alguns partidarios...

—Será.

— E a solução?

Um terceiro politico, prudente e sabio que passou, alvitrou então:

— A dissolução... A dissolução dos partidos!

* * *

Teremos eleições no dia 8? Supômos que não. O *Diario de Lisboa* supõe que não.

* * *

O conselho de ministros reune esta noite para se inteirar do resultado da entrevista com o sr. dr. Antonio José de Almeida.

***

A guarda republicana — trata-se de um consta ainda que com todo o ar de seriedade —que está decidida a apoiar o sr. Cunha Leal em toda e qualquer contingencia, pensa em manifestá-lo de uma maneira publica.

A's 18 horas

A' hora de fecharmos o nosso jornal está reunido no gabinete do ministro das Finanças o directorio do Partido Democratico.

Até esta hora, o sr. Cunha Leal não foi ainda a casa do chefe do Estado expôr-lhe a situação politica.

Os directorios já se avistaram com o Sr. Presidente da Republica.

A PEÇA "OS EMIGRANTES"

Alfredo Cortez

(Continuação da 5.ª pagina)

ma actriz entrevistas nos jornais em que declarava que *agora é que ela ia fazer umu mulher sem importancia;*

—Desejando o autor substituir no arranjo da scena uma oleografia ridicula e que de facto depois provocou o riso, por uma gravura que se prontificava a fornecer, esta substituição não lhe foi permitida;

—Não houve ensaio geral...

Emfim, julgo não precisar de continuar a enumeração de mil agravos feitos a um autor que se apresentava com 20 anos, que ia ser julgado pelo publico e que jogava na representação do seu trabalho interesses literarios (já não me refiro aos materiais) importantes para a sua vida. E foram estas as razões que determinaram a minha atitude no momento em que a falta de consideração passou dos bastidores para a scena, e quando já me cabiam todos os direitos de espectador.

Do palco cairam sobre mim olhares ameaçadores que não alteraram, nem podiam alterar, a minha forma de conduta. Foi então que Lucilia Simões se me dirigiu para me censurar. Afirmei-lhe em palavras muito claras, que não podem ser deturpadas, que ela *tinha procedido muito mal* e que *fôra muito incorrecta.*

E' precisamente o que hoje penso. Tudo o mais que a actriz Lucilia Simões me atribue está propositadamente fóra da verdade. Ninguem de boa fé acreditará que eu lhe tenha chamado coisas parvas e descabidas, como — *mulher indigna* —, ou que tomasse a atitude ridicula com que ela pretende ridicularizar-me.

A unica palavra agressiva que se proferiu no conflito saiu da bôca de Erico Braga que me chamou imbecil. Mas essa impressiona-me tanto como o termo talentoso com que Lucilia Simões me mimoseia na entrevista.

Concluindo. Pode o meu protesto ter sido demasiado, que nem assim deixo de o perfilhar. Em questões de boa camaradagem julgo preferivel o excesso ao comodo silencio dos que receiam criar inimigos.

Perdõe-me, sr. director, o espaço que lhe tomei, certo de que é a ultima vez que o faço em tal assunto.

Porto, 28 de Dezembro de 1921.

De v. etc.—*Alfredo Cortês.*

A explosão da Calçada do Combro

As diligencias policiais — Mais três prisões

Hoje, ao principio da tarde, o sr. dr. Sobral de Campos, na sua qualidade de advogado do conselho juridico da C. G. T., procurou o sr. governador civil, a fim de tratar da situação operaios. Segundo as nossas informações, o sr. Agatão Lança declarou-lhe que estava convencido de que a organização operaria era alheia á manipulação de bombas numa dependencia da sua séde, indo ele influir junto das autoridades respectivas no sentido de se apressarem as investigações, de forma a proceder-se á libertação dos inocentes. O sr. dr. Barbosa Viana, director da P. S. E., foi tambem procurado por aquele advogado, tendo-lhe dito que só depois de ter ouvido todos os inculpados, é que procederia ao levantamento dos selos postos pela justiça na séde da C. G. T. e da *Batalha.*

Os agentes da P. S. E., acompanhados do chefe Zeferino Silva, procederam hoje a varias diligencias relacionadas com a explosão da calçada do Combro. Os tipografos de *A Batalha* e o redactor sr. Cristiano Lima foram interrogados durante a noite de ontem, devendo ser postos em liberdade dentro em pouco, bem como Constantino Mendes, o *Norte.*

Consta-nos que se vão efectuar novas buscas a todas as dependencias da C. G. T., por se dizer haver ali mais materias explosivas escondidas. Ao fim da tarde, o sr. Zeferino Silva encontrava-se no hospital de S. José, a interrogar os feridos.

Na madrugada de hoje, durante as rusgas efectuadas pelo alferes Lopes Soares, foram presos três individuos que se encontravam no hotel Cunha, na rua Primeiro de Dezembro.

DR. ARBUÉS MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS ÁS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º